

# I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto  
26, 27 e 28  
Nov. de 2015



# I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto  
26, 27 e 28  
Nov. de 2015

Lisboa, 2017





Título:

*I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*  
(Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)

Coordenação editorial:

Ana Caessa  
Cristina Nozes  
Isabel Cameira  
Rodrigo Banha da Silva

Design gráfico do Encontro:

João Rodrigues, Ana Filipa Leite

Design gráfico e composição do Livro de Resumos e das Atas:

Rui Roberto de Almeida

Edição:

CAL/DPC/DMC/CML

*Centro de Arqueologia de Lisboa / Departamento de Património Cultural /  
Direção Municipal de Cultura / Câmara Municipal de Lisboa*

Impressão:

*Livro de Resumos* - Imprensa Municipal / Câmara Municipal de Lisboa  
CD Atas - MPO (Portugal)

Tiragem: 450 exemplares

ISBN: *Livro de Resumos* - 978-972-8543-45-7 / *Atas* - 978-972-8543-46-4

Depósito Legal: 433151/17

Advertências:

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. O Centro de Arqueologia de Lisboa declina qualquer responsabilidade por equívocos ou questões de ordem ética e legal.

O cumprimento, ou não, do Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa de 1990 (em vigor desde 2009), assim como as traduções para a língua inglesa, são unicamente da responsabilidade dos autores de cada texto.

Os direitos de autor da obra são extensíveis a todos os documentos, impressos ou manuscritos, com tratamento digital de imagem, nela publicados. Assim, toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a autorização escrita dos autores, ou dos seus representantes legais, nos termos da lei vigente, nomeadamente o Código do Direito de Autor e Direitos Conexos. Em power-points, a reprodução de imagens ou de partes do texto é permitida, com a condição de origem e autoria do texto e das imagens serem expressamente indicadas no diapositivo em que é feita a reprodução.

Para intercâmbio (on prie l'échange, exchange accepted):

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa  
Av. da Índia 166, 1400-207 LISBOA, Portugal

# ÍNDICE

Prefácio .....	9
Introdução .....	11
Comissão .....	13
<b>1. A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE LISBOA .....</b>	<b>14</b>
1. A ARQUEOLOGIA DO SÍTIO DE LISBOA: UM (NOVO) BALANÇO CRÍTICO, VINTE E UM ANOS DEPOIS Carlos Fabião .....	16
2. O SÍTIO NEO-CALCOLÍTICO DA TRAVESSA DAS DORES (AJUDA-LISBOA) Nuno Neto, Paulo Rebelo, João Luís Cardoso .....	24
3. UM SÍTIO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE EM PEDROUÇOS (BELÉM, LISBOA) Anabela Castro, Victor Filipe, João Paulo Barbosa .....	38
4. RESULTADOS PRELIMINARES DA PRESENÇA PRÉ-ROMANA NO PÁTIO JOSÉ PEDREIRA (RUA DO RECOLHIMENTO/BECO DO LEÃO, LISBOA) Anabela Joaquinito .....	48
5. LOUÇA “DE FORA” EM CARNIDE (1550-1650). ESTUDO DO CONSUMO DE CERÂMICA IMPORTADA Tânia Manuel Casimiro, Carlos Boavida, Ana Margarida Moço .....	56
<b>2. A CIDADE MANUFATUREIRA E INDUSTRIAL .....</b>	<b>68</b>
2. RUA DE SANTIAGO, LISBOA: TANQUES ROMANOS NA REQUALIFICAÇÃO DO EDIFÍCIO SITO NO N.º 10-14 João Miguez, Alexandre Sarrazola .....	70
3. OBJECTOS PRODUZIDOS EM MATÉRIAS DURAS DE ORIGEM ANIMAL, DO CONVENTO DE SANTANA, DE LISBOA Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Joana Gonçalves .....	84
4. CERÂMICA MODERNA DE LISBOA: PROPOSTA TIPOLÓGICA Jacinta Bugalhão, Inês Pinto Coelho .....	106
5. EVIDÊNCIAS DE PRODUÇÃO OLEIRA DOS FINAIS DO SÉCULO XVI A MEADOS DO SÉCULO XVII NO LARGO DE JESUS (LISBOA) Guilherme Cardoso, Luísa Batalha .....	146
6. UMA INTERVENÇÃO EM PLENO BAIRRO DAS OLARIAS: NOVOS DADOS SOBRE A PRODUÇÃO OLEIRA NO SÉCULO XVII Inês Mendes da Silva, Marina Pinto .....	146

<b>3. A ARQUEOLOGIA DOS ESPAÇOS, A IDENTIDADE E A FISIONOMIA DA CIDADE .....</b>	<b>190</b>
1. MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO: UM MUSEU E UM MONUMENTO ROMANO NA CIDADE Lídia Fernandes .....	192
2. A CERÂMICA DE ENGOBE VERMELHO DE LISBOA Elisa de Sousa .....	212
3. DADOS PRELIMINARES DE UMA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NOS ANTIGOS ARMAZÉNS SOMMER, LISBOA (2014-2015) - TRÊS MIL ANOS DE HISTÓRIA DA CIDADE DE LISBOA Ricardo Ávila Ribeiro, Nuno Neto, Paulo Rebelo, Miguel Rocha .....	222
4. AS TERMAS ROMANAS ÀS PORTAS DE ALFAMA Vanessa Filipe, Raquel Santos .....	246
5. A CERÂMICA COMUM DE PRODUÇÃO LOCAL E REGIONAL DO NÚCLEO ARQUEOLÓGICO DA RUA DOS CORREIROS, LISBOA. OS CONTEXTOS FABRIS Carolina Grilo .....	254
6. PRESENÇA DA OCUPAÇÃO ROMANA NO ALJUBE DE LISBOA Clementino Amaro, Eurico de Sepúlveda .....	272
7. A CERCA FERNANDINA: DAS PORTAS DE STA. CATARINA AO POSTIGO DO DUQUE - LISBOA Nuno Neto, Paulo Rebelo, Vanessa Mata .....	286
8. INDAGAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA MURALHA ANTIGA DE LISBOA: O LANÇO ORIENTAL ENTRE A ALCÁÇOVA DO CASTELO E O MIRADOURO DE SANTA LUZIA Marina Carvalhinhos, Nuno Mota, Pedro Miranda .....	298
9. PERSPECTIVAS ARQUEO-BIOLÓGICAS SOBRE A NECRÓPOLE ISLÂMICA DE ALFAMA Vanessa Filipe, Alice Toso, Joana Inocêncio .....	338
10. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ÂMBITO DO PROJECTO DE ARQUITECTURA “APARTAMENTOS PEDRAS NEGRAS” (LISBOA) Sofia de Melo Gomes, Mónica Ponce, Victor Filipe .....	348
11. UMA APROXIMAÇÃO AO ESPAÇO VIVENCIAL DA CASA DOS BICOS: A CULTURA MATERIAL DE UMA LIXEIRA DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVIII Inês Pinto Coelho, Tiago Silva, André Teixeira .....	366
12. CASA DA SEVERA, MEMÓRIAS ARQUEOLÓGICAS DE UM ESPAÇO (LARGO DA SEVERA N.º 2, MOURARIA, LISBOA) Ana Caessa, António Marques, Nuno Mota .....	386
13. RUA DO COMÉRCIO Nº 1 A 13, LISBOA: METAMORFOSE ESPACIAL Alexandra Krus, Isabel Cameira, Márcio Martingil .....	414
14. TESTEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS NA RUA DO JARDIM DO REGEDOR Nº 10 A 32, LISBOA Márcio Martingil .....	426
15. OBJECTOS DO QUOTIDIANO NUM POÇO DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS Carlos Boavida .....	440

16. FRAGMENTOS DA MESA NOBRE DE UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO: PORCELANA CHINESA NUM CONTEXTO DE TERRAMOTO DA PRAÇA DO COMÉRCIO (LISBOA) Sara Ferreira, César Neves, Andrea Martins, André Teixeira .....	458
17. NAVIOS DE ÉPOCA MODERNA EM LISBOA: BALANÇO E PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO José Bettencourt, Cristóvão Fonseca, Tiago Silva, Patrícia Carvalho, Inês Coelho, Gonçalo Lopes .....	478
18. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DE UMA ESTRUTURA SEISCENTISTA: O BALUARTE DO TERREIRO DO PAÇO César Neves, Andrea Martins, Gonçalo Lopes .....	496
19. A RAMPA DOS ESCALERES REAIS DA CORDOARIA NACIONAL: PRIMEIROS SINAIS DO FIM DO IMPÉRIO Mónica Ponce, Marta Lacasta Macedo, Alexandre Sarrazola, Teresa Alves de Freitas .....	510
Lista de Abreviaturas .....	516
Autores .....	517
Participantes .....	518

# A ARQUEOLOGIA DOS ESPAÇOS, A IDENTIDADE E A FISIONOMIA DA CIDADE

---

## RESUMO:

O presente artigo incide sobre os testemunhos arqueológicos encontrados durante os trabalhos de escavação na Rua do Comércio n° 1 a 13, em Lisboa, ocorridos entre os anos de 2013 e 2015.

O edifício localiza-se na Baixa Pombalina, mandada construir após o terramoto de Lisboa de 1755. Durante o século XX teve como inquilinos diversas sociedades industriais, nomeadamente a loja/depósito das “Fábricas Triunfo”, cujo testemunho sobrevive através das suas placas publicitárias em mármore, ainda observável num dos cunhais do edifício.

De acordo com A. Vieira da Silva, seria esta a localização do antigo largo do Pelourinho. Os testemunhos arqueológicos parecem confirmar esta informação, visto ter surgido uma grande área calçada com seixo de rio de pequena e média dimensão, no interior do edifício.

Foram ainda identificados os vestígios das estruturas que confinavam com o Largo do Pelourinho, sendo que uma delas poderá corresponder, de acordo com as plantas de Vieira da Silva, a remanescentes da antiga Alfândega Velha. Os materiais arqueológicos recolhidos durante a intervenção, corroboram com esta diacronia ocupacional do espaço e inserem-se essencialmente, no hiato temporal compreendido entre os séculos XIII a XVII.

## PALAVRAS-CHAVE:

Largo do Pelourinho, Lisboa, Medieval, Moderno.

## ABSTRACT:

This article focuses on the archaeological remains found during excavations works in Rua do Comércio n° 1 a 13, Lisbon, between the years 2013 and 2015.

This building is located at Baixa Pombalina, built after the Lisbon earthquake of 1755. During the twentieth century had as tenants several industrial societies, including the store/warehouse of Fábricas Triunfo whose testimony survives through its advertising boards made in marble, still present in one of the corners of the building itself.

According to A. Vieira da Silva, this would be the location of the old Largo do Pelourinho. The archaeological evidences seem to confirm this information, a large area paved with small and medium size river pebble, was found inside the building.

There were also identified the traces of the structures that bordered the Largo do Pelourinho, one of which may correspond, according to the plans of Vieira da Silva, to the remains of the former Alfândega Velha. The archaeological materials collected during the intervention, corroborate this occupational diachronic space and are essentially part of the time gap between the XIII and the XVII centuries.

## KEY WORDS:

Largo do Pelourinho, Lisbon, Medieval, Modern.



# 3.13 RUA DO COMÉRCIO Nº 1 A 13, LISBOA: METAMORFOSE ESPACIAL

Alexandra Krus  
Arqueóloga, *Atalaia Plural Lda.*  
alexandra.krus@gmail.com

Isabel Cameira  
Arqueóloga, *CAL/DPC/DMC/CML*  
isabel.cameira@cm-lisboa.pt

Márcio Martingil  
Arqueólogo, *Taipa Arqueologia; IAP/FCSH/UNL*  
marcio.martingil@taipaarqueologia.com

## 1. Intervenção arqueológica

O presente artigo respeita aos resultados obtidos durante a intervenção arqueológica na Rua do Comércio nº 1 a 13, Freguesia de Santa Maria Maior, concelho e distrito de Lisboa. Os trabalhos arqueológicos realizaram-se entre Outubro de 2013 e Setembro de 2015, com alguns interregnos. Tratou-se de uma intervenção arqueológica de emergência, que teve como objectivo, a escavação integral da área de afectação e registo das áreas já afectadas. A intervenção arqueológica realizou-se por áreas de trabalho, sempre em articulação com o prosseguimento da obra e seguiu as propostas metodológicas de P. Barker (BARKER, 1989) e E. Harris (HARRIS, 1991).

## 2. Resenha Histórica

Conquistada aos muçulmanos em 1147, pelo primeiro monarca português, D. Afonso Henriques, e suas tropas, Lisboa manteve muito para além dessa época um traçado urbano caracteristicamente islâmico, de ruas estreitas e sinuosas com um grande número de becos, com especial ênfase no interior do antigo núcleo muralhado islâmico (actuais zonas do Castelo, Sé e Alfama) e nos arrabaldes imediatamente, contíguos. É precisamente, nos arrabaldes da Cerca Moura, próximo ao rio, que se localiza o local intervencionado.

Se outrora se acreditou, devido às descrições da conquista de Lisboa por parte de Osberno (CARITA, 1999, p. 21) que, no momento de conquista da actual capital portuguesa aos "mouros" a cidade se resumia apenas ao núcleo intramuros da dita "Cerca", sabe-se hoje que tal não aconteceria e que o próprio vale da Baixa já seria local construído e algo habitado. Todavia, focar-nos-emos

no local escavado e no espaço e ruas que lhe seriam contíguos. Assim sendo, os trabalhos decorreram, atendo à obra de Vieira da Silva, no sítio onde outrora esteve instalado o *Açougue do Pescado*, posteriormente apelidado de Largo do Pelourinho Velho.

De origens presumidamente islâmicas (SILVA, 1987, p. 134), a venda de peixe na ribeira da cidade e o seu local vão sendo referenciados documentalmente várias vezes ao longo dos tempos. Ainda no reinado de D. Sancho II surgem algumas das primeiras alusões ao local no momento em que seu irmão D. Afonso (futuro Afonso III de Portugal) compra vários prédios e lojas ali próximos (CARITA, 1999, p. 27) e acaba por doar um lugar na ribeira, à Câmara, destinado à venda do pescado (SILVA, 1987, p. 134).

No local da intervenção, algum tempo antes do reinado de D. Dinis foi aberta uma nova rua, apelidada de Rua Nova e é sobretudo devido às alterações que este monarca empreende nessa mesma rua e também no dito largo que a delimitava a nascente que, na época de D. Dinis, as referências ao sítio são um pouco mais numerosas. Apesar da Rua Nova ser de criação recente, o monarca decide ordenar a sua reformulação, tal como do largo junto a si, aquando da construção da nova muralha que visava proteger a cidade que se expandia cada vez mais para os arrabaldes da velha Cerca Moura e que estaria assim à mercê de ataques e pilhagens vindos do Tejo. Desta forma aquela que será uma das primeiras expressões do novo modelo urbanístico europeu e cristão na urbe de Lisboa, devido ao seu carácter de abertura e continuidade de espaços, contrário ao modelo de rua/bairro islâmico de enorme privacidade e quase que intimista, sofre alterações, tanto no que respeita à sua largura como comprimento. Por se realizarem praticamente em simultâneo, 1294/1295 (CARITA, 1999, p. 33), a construção da muralha Dionisina (1294) está então in-

trinsecamente ligada à reformulação da Rua Nova e do *Largo dos Açougues*, localizado no seu topo a oriente, sendo este o local e as alterações que a nós mais importam, visto coincidirem com o lugar dos nossos trabalhos, como várias vezes já mencionamos.

Surgido nas margens do Tejo devido ao seu assoreamento relativamente rápido e constante, no momento em que sofre a referida reestruturação o *Açougue do Pescado* revestia-se já de forte cariz e importância comercial na urbe, podendo isso ter sido razão suficiente para que se destruíssem algumas estruturas para aumentar o seu tamanho, durante o empreendimento ordenado por D. Dinis, que desta forma, para além das demolições que ordenou para a passagem do novo muro protector de Lisboa, também as terá ordenado para a reestruturação da rua e largo que lhe eram "vizinhos". Limitado a norte pela antiga Alfândega Real (posteriormente denominada de Alfândega Velha) e "tendas" e "casas" que a esta estariam encostadas, sabemos que foi prática ao longo dos tempos destruírem-se algumas boticas adossadas à dita construção para que o Largo pudesse ficar mais desafogado (SILVA, 1987, p. 138).

É precisamente durante a centúria quatrocentista que, por oposição à abertura de outra rua, que o local vê a sua nomenclatura alterada. Surgida a Rua Nova de El-rei, a antiga Rua Nova começa a ser nomeada de Rua Nova dos Mercadores - encontramos-la assim referenciada em documentação desde 1481 (SILVA, 1987, p. 94). No entanto, já muito antes disso o largo era denominado de Largo do Pelourinho, de acordo com documentação de 1392 (SILVA, 1987, p. 149). A terminologia parece surgir devido à existência de um tavolado no topo ocidental do largo (junto à Rua Nova dos Ferros) que teria próxima de si, ou seja já no largo, uma picota. Embora sem evidências concretas, terá sido essa picota, que previveu para além do tavolado e onde se afixavam os editais, que originou a denominação de "Pelourinho" primeiramente em relação a si mesma, e posteriormente ao próprio largo, como Largo do Pelourinho (SILVA, 1987, p. 149).

Após este período o largo terá sofrido novamente alterações, como por exemplo, o seu calcetamento, que terá ocorrido durante o reinado de D. Manuel, aquando do calcetamento da "Rua Nova (dos Mercadores)", devido à sua importância comercial para a cidade de Lisboa, visível por documento de 1552 (ano seguinte à morte de D. Manuel) que descreve o largo como sendo um local onde se vendia tudo (móveis, escravos, tecidos de linho, ouro, prata, etc.). No século XV, século esse durante o qual a denominação do sitio volta a cambiar, agora para Largo do Pelourinho Velho (cerca de 1544), não havendo, todavia, certezas de que essa mudança se tenha devido ao erguimento de outro(s) pelourinho(s) na cidade naquela época, ou se o acréscimo da palavra "Velho" se deveu apenas ao facto de já não se conhecer a época de origem do local (SILVA, 1987, p. 151).

Abandonando as questões de nomenclatura e possíveis razões para tal, o que sabemos ao certo é que o Largo do Pelourinho Velho continuou a funcionar de forma fulgurosa no que respeita ao comércio na cidade de Lisboa, assumindo por isso grande valor e importância económica para as gentes lisboetas até ao reinado de D. José I, mais especificamente até ao grande terramoto de 1755, altura em que com cerca de 27 m de comprimento

e 26 m de largura (SILVA, 1987, p. 133) é arrasado e transformado, pelo plano de reedificação da urbe. À altura do grande cataclismo sabemos ainda que aí desembocariam a Rua Nova dos Ferros e a Rua da Confeitaria a Ocidente, a Rua dos Ourives da Prata e de D. Julianes a Norte, a nascente a Rua do Meimão/Fancaria e o Beco de Espera-me-Rapaz/Beco do Inferno. Em direcção ao rio Tejo, encontraríamos algumas construções e as muralhas de D. Dinis e D. Fernando (Fig. 1).

É precisamente com este acontecimento de grande escala que o largo é desactivado. O terramoto de 1755 permitiu tornar as ruas da baixa lisboeta mais organizadas e de grandes dimensões, desaparecendo obviamente os becos e as ruelas estreitas e sinuosas, tal como o emaranhado de pequenas habitações descontínuas em forma e dimensão e desorganizadas no espaço.

Empreendida a reconstrução quase imediatamente a seguir ao cataclismo, a área do largo é limpa ficando, ao que indica o contexto arqueológico, na cota da calçada, nascendo a partir daí a nova edificação pombalina, caracterizada interiormente por pés-direitos altos, pavimentos lajeados, grandes janelas e bem organizadas e exteriormente por fachadas contínuas, semelhantes de grande beleza e funcionalismo.

O local que outrora fora um importante centro comercial, é completamente integrado neste novo modelo urbanístico, correspondendo quase que ao limite oriental da Baixa Pombalina. É precisamente esta organização "reticulada" do novo modelo urbanístico da baixa lisboeta que a torna única e impar na cidade (bastante aproximado da matriz do actual Bairro Alto, mas com ruas mais amplas e desafogadas).

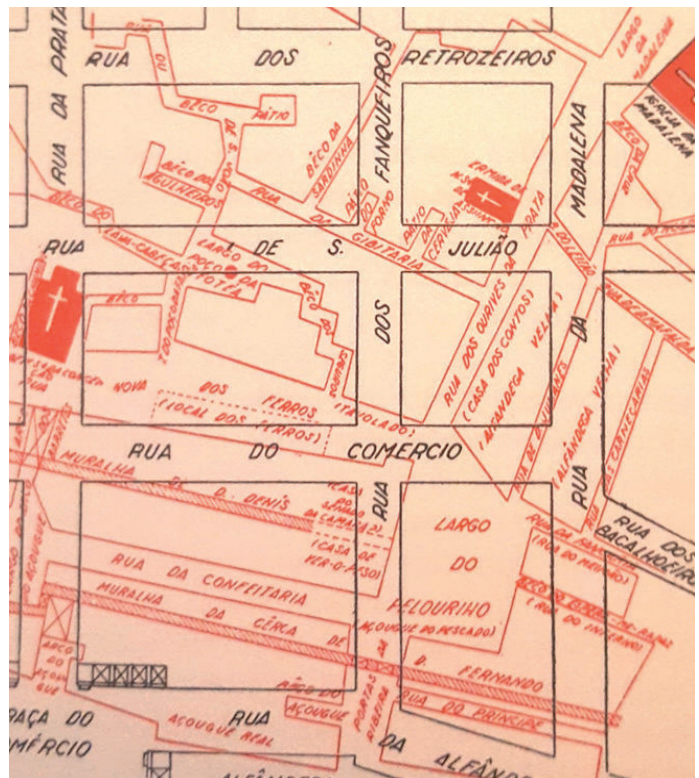


Figura 1. Ruas que desembocariam no Largo do Pelourinho até 1755, a vermelho (SILVA, 1987, p.133).



No século XX, o edifício serviu de sede e filial de diversas sociedades e firmas industriais de renome. Nomeadamente, os industriais e comerciantes F. H de Oliveira & C<sup>a</sup> (Irmão), o Grémio dos Armazenistas de vinhos e a Sociedade Portuguesa de Seguros.

Destaca-se a Sociedade de Mercenarias e Farinhas Limitadas, “Fábricas Triunfo” (Fig. 2), fundada em 1921 com sede em Coimbra. Esta possuiu uma loja e depósito de venda na Rua do Comércio 1 a 5, Rua da Madalena 33 a 39, assinalada com placas publicitárias em mármore rovinado e letras em ouro colocadas em 1932. Actualmente foram removidas após reabilitação e construção de unidade hoteleira, estando no seu lugar o nome do respectivo hotel.

Nos finais dos anos 60 o edifício apresentava-se em muito mau estado de conservação, encontrando-se praticamente sem inquilinos. Esta situação agrava-se nos anos 90 com a derrocada parcial do edifício. O perigo eminente de colapso total da estrutura levou, em 2006, à decisão camarária de se proceder à demolição do seu interior, mantendo apenas as fachadas. Sendo esta a realidade presente aquando da entrada dos arqueólogos em obra.

### 3. Contexto Arqueológico

A leitura estratigráfica da área de intervenção permitiu identificar seis fases distintas de ocupação, evolução e transformação do espaço.

#### I Fase

À primeira fase corresponde a implantação de estruturas em alvenaria de argamassa de terra e cal, de coloração amarelada, que se desenvolvem no sentido SE-NO. A implantação destas estruturas – sapatas – cortaram depósitos dos inícios do século XIII, como testemunham os fragmentos cerâmicos exumados.

Estes fragmentos são na sua maioria cerâmica comum, de uso doméstico. A nível formal e funcional incluem-se nos serviços de cozinha (panelas, caçoilas, testos), nos serviços de mesa (jarrinhas, jarros, taças) e de armazenamento (talhas e cântaros). No conjunto da louça de cozinha, o grupo predominante é o das panelas – apresentam bordo extrovertido, com lábio de secção sub-triangular, colo cilíndrico e corpo globular.



Figura 2 - Em cima foto datada dos anos 70 (Obra 8839; Volume 3 ; Processo 51076/DAG/PG/1985 - Tomo 1; Página 9); infra, lado esquerdo publicidade luminosa no Rossio anos 80 (<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/02/fabricas-triunfo.html>, consultado em Setembro de 2015); infra, lado direito publicidade anos 60 das fábricas triunfo (<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/02/fabricas-triunfo.html> - consultado em Setembro de 2015).

As taças apresentam bordo extrovertido, de secção sub-triangular e sub-quadrangular, aplanadas superiormente e carena a demarcar a secção mesial do corpo (estampa 1, figuras 1, 2 e 3). As jarras apresentam bordo boleado e colo cilíndrico (estampa 2, fig. 10) e os testos caracterizam-se por apresentarem corpo troncocónico, paredes esvasadas e bordos boleados e triangulares (GOMES, GASPAR, *et al.*, 2005, figura 27, p. 223) ou sub-quadrangulares (estampa 2, figura 9).

Do ponto de vista decorativo apresentam decoração composta por bandas pintadas, de traço grosseiro na horizontal e vertical de barbotina branca (estampa 1, figuras 1,2, 4, 5, 6), em conjuntos de três ou quatro, sendo a única excepção, um fundo de taça com motivo em espiral, igualmente pintado a barbotina branca sobre engobe cinzento (estampa 2, figura 8). Corresponde ao grupo decorativo T.3, T.4.A, T.4.B, T.4.C e T5 da tipologia de Marco Liberato para a cerâmica pintada de Santarém da 2ª metade do século XII ao século XIII (LIBERATO, 2011, p. 90). A decoração é aplicada sobre o bordo, colo, asa e superfície externa das formas fechadas e no bordo, parede interna e fundo das formas abertas. Enquadram-se no espólio recolhido durante as escavações arqueológicas da Fundação Ricardo Espírito Santo (GOMES, SEQUEIRA, 2001, p. 107) e de Santarém (LIBERATO, 2011). Identificou-se igualmente, um fragmento de jarrinha com decoração esgrafitada (estampa 1, figura 7). Trata-se de uma técnica que consiste na aplicação de óxido de manganês na superfície externa da peça, na qual é aplicada uma decoração incisa através de um buril ou estileto, de modo a permitir formar motivos decorativos e contraste com a própria cor do barro, neste caso amarelada (PALAZON, 1986, p. 6).

A técnica de esgrafitar remonta ao século X em peças mesopotâmicas, sendo depois utilizada também em peças egípcias desde o século XI e iranianas desde o século XIII. Era utilizada para fazer sobressair determinadas características decorativas, como o cabelo de uma figura ou os bordados de um traje, mas aplicada a peças de reflexo dourado (AMIGUES *et alii*, 1987, p. 307). Podemos encontrar um exemplar desta técnica em Mértola, datado do século XII (TORRES, 1987, pp. 75-76). A sua produção na Península Ibérica data de inícios do século XII, atingindo o seu auge durante a primeira metade do século XIII, e prolongando-se possivelmente até ao século XIV, como é o caso de Paterna, Valência (PALAZON, 1986, p.7).

Em Portugal surgem exemplos da técnica do esgrafitado sobre pintura a óxido de manganés, nomeadamente em Alcácer do Sal (PAIXÃO *et alii*, 2002, p. 379), Tavira (AAVV, 2012, p. 107), Mértola (TORRES *et alii*, 1991, p.534) e Silves (GOMES, 2003, p. 288) dos finais do século XII e inícios do século XIII.

O fragmento identificado na Rua do Comércio pertence a uma jarrinha, e é composto por porção de bordo boleado e colo cilíndrico, apresenta pasta clara, de tom amarelado (Munssel 2.5Y8/1), com 2 mm de espessura. A temática decorativa é composta por cartela ou moldura que delimita motivo decorativo zoomórfico a óxido de manganês, sendo esgrafitado interiormente (olho e contorno da asa), e rodeada por motivos espiralados esgrafitados (estampa 1, figura 7).

## II-Fase

Num segundo momento, são construídas estruturas em argamassa esbranquiçada, de areia e cal que assentam sobre grandes seixos basálticos, orientadas no sentido SE-NO. Tal como as anteriores, assentam e cortam depósitos do século XIII. Estas estruturas poderão ser contemporâneas das estruturas identificadas na primeira fase e, ao contrário das anteriores, encostam à calçada do largo.

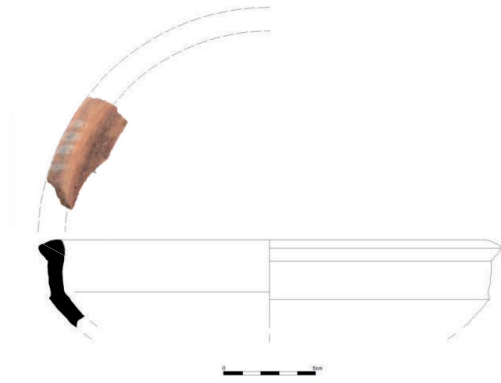
Surgem novamente fragmentos de cerâmica semelhantes em forma e decoração às referidas anteriormente, com a excepção de um acréscimo decorativo com o uso de linhas ondulantes em barbotina branca na superfície interna, no fundo de taça (estampa 2, figura 11).

Esta área desenvolve-se a NE da área de afectação e poderá, segunda a planta de Vieira da Silva (SILVA, 1987, Estampa 1,2 e 3), corresponder à Alfândega Velha. A dita estrutura desenvolve-se paralelamente às estruturas identificadas a Norte, da 1ª fase, no sentido SE-NO e exhibe vestígios de um compartimento em piso térreo abaixo da cota da calçada, com pavimento de argamassa esbranquiçada e parede estucada a branco, com 80 cm de espessura e parede interna ou “repartimento” (CONDE, 2011, p. 62), em tijolo e argamassa de coloração esbranquiçada, com 30cm de espessura. Adossadas à parede Norte e mantendo a orientação desta, surgem as fundações de uma estrutura de planta quadrangular, construída em alvenaria de argamassa branca, à qual encosta a Oeste, um pavimento em argamassa. Este pavimento vai igualmente encostar à parede Norte e exhibe desnível de NO-SE. Poderá corresponder às tendas e casas, ocupadas por cardadeiras de algodão, marceiras e enxerqueiras que se encontravam instaladas debaixo dos arcos, a que apelidavam de Arcos da Alfândega (SILVA, 1987, p. 137). “Os que ficavam na direcção Leste-Oeste encontravam-se na seguinte confrontação (...) *tendas do dito senhor (o rei) sob os arcos da nossa alfândega, da parte descontra o* (contra, do lado do mar), *que partem de uma parte com arcos descontra onde estão as enxerqueiras, da outra com arco e escada de pedra por que sobem às escadas de cima os ditos arcos, e por detraz com casas do arcebispo de Braga, e por diante com rua publica (rua dos Fancaria, de 1755) (1470)”* (SILVA, 1987, pp. 137-138).

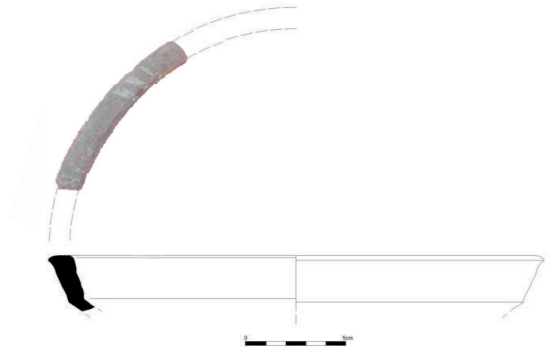
Cobrindo estas estruturas estavam depósitos com elementos cerâmicos do XIV- XV.

De uma forma geral o conjunto de cerâmica é composto, na maioria, por peças de cerâmica comum de uso quotidiano, nomeadamente louça de cozinha (panelas), louça de mesa (taças, jarros e pucarinhos), e louça destinada ao armazenamento (talhas). Relativamente à cerâmica de cozinha, as panelas possuem corpo globular e base achatada, oferecem bordo de secção quadrangular e asa fina de secção oval (estampa 3, figura 17 e 18). Apresentam marcas de exposição ao fogo no fundo, parede externa, asa e bordo. Podemos encontrar paralelo na forma e, aparentemente, nas pastas ao espólio cerâmico das entulheiras de Santo António da Charneca, datáveis dos finais do XV e primeira metade do XVI (BARRROS *et alii*, 2012, pp. 702-703). O fragmento de alguidar recolhido apresenta bordo extrovertido e de secção semi-circular.





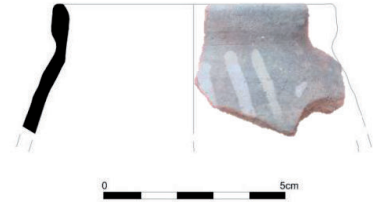
1).EHL13[132]-1130



2). EHL13[132]-1201



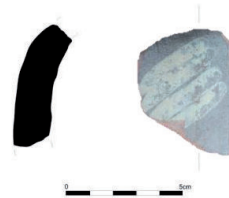
3).EHL13[132]-1242



4).EHL13[132]-1106



5).EHL13[132]-671



6).EHL13[132]-1101



7).EHL13[132]-108



8).EHL13[132]-1111



10).EHL13[132]-543

9).EHL13[132]-1383;1303;638



11). EHL13[1810]-5159

Os púcaros, representativos da louça de mesa, mostram reduzidas dimensões e apresentam corpo globular, base plana e bordo semi-circular (estampa 3, figura 12 e 16).

Os fragmentos de cerâmica esmaltada são de pequena porção e quantidade, de coloração azul a verde e correspondem a fragmentos de taça, de tampa e a um pequeno fragmento de garrafa de reduzidas dimensões. Os vidrados apresentam coloração castanha, melada, amarelada e esverdeada e “banham” as superfícies de taças, tigelas, jarros e alguidares. Destaca-se um fragmento de prato de fundo em ônfalo, com ambas as superfícies vidradas a castanho melado, que poderá corresponder a produções do XIV (GASPAR, GOMES, 2012, pp. 723-724).

Evidencia-se ainda um fragmento de pichel (estampa 3, figura 20), que poderá assemelhar-se na decoração às produções das oficinas de Bruges (2015, p. 180). Corresponde a um fragmento de parede de pasta com margens oxidantes de coloração avermelhada (Munsell 2.5YR6/8) e núcleo reductor (Munsell 2.5YR5/2), apresentando na sua superfície externa vidrado verde-escuro aplicado sobre engobe branco e exhibe decoração modelada a fresco por pressão digital a partir da superfície interior, de duas vieiras com linha incisa que demarca o arranque do colo (2015, p.180). Foi encontrada uma peça idêntica durante os trabalhos arqueológicos de 2002 na Rua do Ouro, pelo Centro de Arqueologia de Lisboa, sendo datada do século XIV/XV (2015, p.180). Em Santarém foi igualmente exumado um fragmento similar em contexto arqueológico datado do século XIV (CASIMIRO *et alii*, 2013, p. 939).

Destaca-se ainda outro fragmento de jarro ou pichel exumado, com características distintas. A pasta apresenta-se bastante depurada, de cozedura oxidante, com núcleo e margem exterior esbranquiçada (Munsell 7.5YR8/1) e margem interior rosada (Munsell 7.5YR8/3). A superfície externa exhibe vidrado a verde-claro, aplicado directamente na peça, translúcido e brilhante, apresentando decoração plástica cónica, aplicada à superfície externa (estampa 3, figura 19). Poderá corresponder a uma produção francesa (Fosses – Vallée de l'Ysieux, atelier 10.30, B.1.) datável dos finais do século XIII, inícios do XIV (GUADAGNIN, 2007, pp. 287-288).

### III Fase

Em 1501 são mandados derrubar os arcos e “(...) as casas com sobrados que estavam sobre os arcos *apartada alfandega* (...)” (SILVA, 1987, pp.137-138). Dois anos antes teriam sido mandadas demolir “(...) *duas casas de boticas nossas (do rei) que estavam encostadas às casas da nossa alfandega e casa dos contos da nossa cidade de Lisboa* (...)” (SILVA, 1987, pp. 137-138).

Estas casas poderão corresponder às estruturas mencionadas na Fase II.

Ao terceiro momento corresponde igualmente a construção da calçada do largo e a demolição das estruturas da primeira fase.

A dita calçada é constituída por pedra basáltica disforme, de pequena e média dimensão e vai encostar às estruturas identificadas na segunda fase.

O calcetamento do largo poderá ter ocorrido durante o reinado de D. Manuel (1469-1521), aquando do calcetamento da Rua Nova dos Mercadores. Este obriga à reformulação espacial do Largo e à demolição efectiva das estruturas da 1ª fase, tanto a Norte como a SE da área de afectação, ficando as suas reminiscências cobertas pela calçada.

### IV Fase

Em assente de vereação de 27 de Abril de 1633 a câmara “(...) *diligencia que a cidade fosse abastecida de água potável, em harmonia com as exigências da população e ao mesmo tempo pensava em ornar com fontes alguns logares publicos, taes como o Terreiro do Paço, S. Paulo, Terreiro da Boa-Vita e a praça do Pelourinho Venho* (...)” (OLIVEIRA, 1887, p. 553).

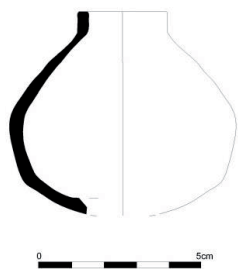
Esta referência documental remete-nos para Oeste do Largo, onde surge uma estrutura negativa – poço – em pedra afeiçoada, disposta em fiadas regulares, e ligante de argamassa de coloração esbranquiçada, contendo fragmentos de cerâmica de construção. Não foi possível efectuar na totalidade a sua escavação, nem aferir a sua cronologia, devido ao depósito de “calda de betão” solidificada que preencheu o interior do poço, aquando da colocação das micro-estacas actuais do edificado, anteriores à intervenção arqueológica.

### V Fase

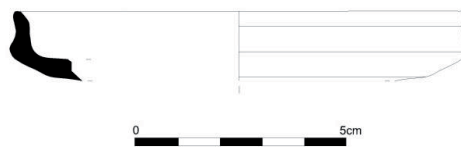
A quinta fase corresponde ao Terramoto de Lisboa de 1755. Esta secção do largo não aparenta ter sido afectada, com excepção das estruturas que contornam o largo. Foi possível verificar que algumas áreas da calçada foram remendadas com argamassa e preenchidas por um depósito composto de fragmentos de cerâmica de construção, faiança, elementos pétreos de média e grande dimensão e nódulos de argamassa branca e amarela. Destaca-se um fragmento de prato com decoração vegetalista fitomórfico e pasta de coloração esbranquiçada (Munsell 10YR8/1), de produção holandesa (1720-1780) (MARQUES, FERNANDES, 2006, p. 195). Foi igualmente identificado um fragmento de cachimbo em caulino composto por fornalha, pedúnculo e arranque de haste. Apresenta típica decoração quadrangular junto ao bordo, as armas da cidade de Gouda encimadas pela letra “S”, em ambos os lados do pedúnculo e, na base deste, o número 47 corado. O “S” significa *slegd* (inferior) e determina a qualidade do produto. São conhecidos paralelos formais em Lisboa, em produções holandesas setecentistas (1700- 1755) (CALADO *et alii*, 2013, p. 388).

### VI Fase

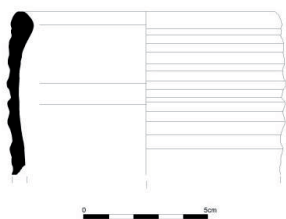
O último momento corresponde à reconstrução pom-balina da baixa lisboeta e nomeadamente, à construção do edifício dentro do qual teve lugar a intervenção. Os trabalhos permitiram-nos concluir que a construção do edificado afectou apenas parcialmente o local.



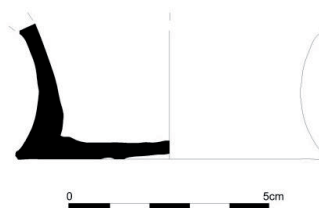
12). EHL13[1814]-5800



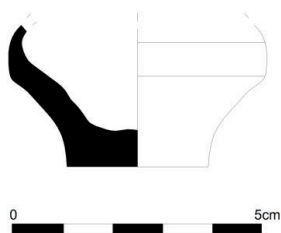
13). EHL14[1814]-5170



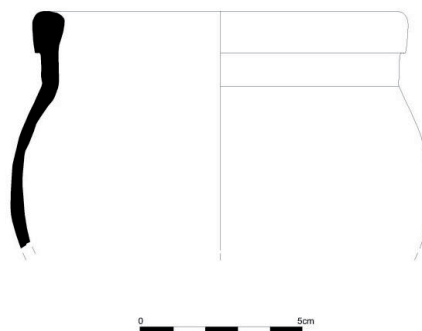
14). EHL14[1810]-5171



15). EHL14[1810]-5160



16). EHL14[1810]-4822



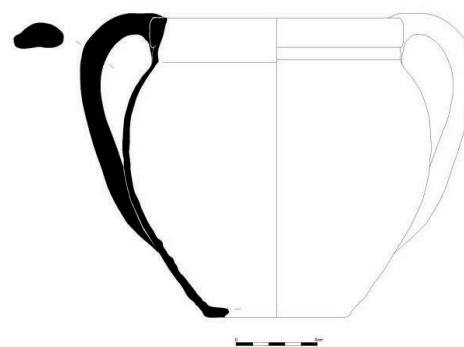
17). EHL14[1810]-4922



19). EHL14[1812]-5618



20). EHL14[1812]-5619



18). EHL14[1810]-5157



A área mais afectada corresponde essencialmente, à parte Oeste do terreno, através da construção de um sistema de esgoto constituído por elementos pétreos de pequena e média dimensão com ligante de argamassa de relativa qualidade, apresentando “incorporado” na fachada Norte interior do edifício, vestígios do seu topo, em arco de tijolo e argamassa esbranquiçada. Além deste local podemos mencionar que as restantes afectações pombalinas correspondem aos lintéis de travejamento, que se desenvolvem no sentido O-E e S-N, e às sapatas do edifício rompendo desta forma a calçada do largo e estruturas adjacentes. Verifica-se que a área, após o terramoto, terá sido completamente limpa antes da reconstrução, deixando por isso o nível da calçada como cota zero de construção, sendo colocada a argamassa de assentamento das lajes pombalinas directamente na dita calçada.

Quanto às estruturas que encostam à calçada observou-se também que foram sobrepostas/incorporadas nas sapatas e lintéis de travejamento referidos, e não totalmente destruídas, permitindo ainda, de forma não intencional, a previnência parcial das estruturas mais antigas, até aos dias de hoje.

As afectações posteriores pertencem ao século XX, aquando da instalação dos esgotos e saneamento no edifício, e rasgam os contextos arqueológicos maioritariamente, a Oeste da área de afectação.

#### 4. Considerações finais

Durante os trabalhos arqueológicos que decorreram na Rua do Comércio identificou-se o que julgamos ser uma porção do antigo largo do Pelourinho (Velho).

Apesar das dificuldades inerentes a uma interpretação deste conjunto, devido aos condicionalismos da intervenção em causa, é possível verificar que o Largo é uma estrutura dinâmica que se reestrutura em função das necessidades e vicissitudes dos tempos.

A cidade cresce em riqueza, do ponto de vista artesanal e comercial, atingindo o seu pico no último quartel do século XIII. Até meados desta centúria, as igrejas e o mercado estão intimamente associados na cidade de Lisboa, encontrando-se a zona comercial activa nas proximidades da Sé. Posteriormente, a função comercial desloca-se para a baixa e porto. Esta tendência cresce a partir do primeiro quartel do século XIV, aquando da chegada dos mercadores estrangeiros, afirmando-se como entreposto comercial entre o Mediterrâneo e o Atlântico (SILVA, 2010, p. 298). Assim surge o Largo do Pelourinho, como parte constituinte do centro económico, no qual se localizam as seguintes instituições: a Alfândega Velha, a Casa dos Contos e a Casa do Peso; mas igualmente camarária, com os Paços do Concelho, junto do largo e da Rua Nova.

A estas transformações espaciais pertence uma linguagem material que retrata as continuidades e rupturas de uma época: “O mediterrâneo continuava nos homens, nas técnicas, nas culturas. Mas a ligação marítima à quele mar foi, no início, fortemente atingida. O Mediterrâneo cristão só começara a afirmar-se em Lisboa no tempo de D. Dinis e de D. Afonso IV com a fixação dos merca-

dores e banqueiros italianos e de outras nacionalidades. Nos primeiros anos após a conquista, as ligações tradicionais ao Mediterrâneo muçulmano não só se tornaram difíceis como ficava vedado o acesso às fontes do ouro africano, almorávida e almóada. Os laços tradicionais com esse mundo vão ser reabertos pelos mercadores árabes e judeus de Lisboa, associados aos mercadores cristãos que, já no tempo de D. Dinis, se ufanavam de navegar a fazer sua prol para Flandres, França ou Além Mar” (COELHO, 2001, p. 242).

Nas centúrias seguintes, o largo vai perdendo notoriedade em função de outros espaços, como o Terreiro do Paço, sendo muitas das suas instituições, nomeadamente a antiga casa aduaneira, transferida em 1526 para “casas novas”. Esta e a Casa dos Contos, pertença do rei, são vendidas em 1562 a D. Gilyans da Costa (SILVA, 1987, p. 139).

Em 1755, e apesar da calçada do Largo aparentar ter sobrevivido ao terramoto, este espaço perde o seu “lugar” dentro do novo projecto urbanístico da Baixa pombalina e passa a servir, neste caso, de base de assentamento do novo edifício pombalino.

#### Bibliografia

- AMIGUES, François; MESQUIDA GARCIA, M.; SOLER, M<sup>a</sup>. Paz (1991): La ceramica esgrafiada en los talleres mudéjares de Paterna (Valencia), in *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental (Lisboa, 16-22 de Novembro 1987)*, Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 305-314.
- BARKER, P. (1989): *Techniques of archaeological excavation*, 2<sup>a</sup> edição, Londres: Batsford Book.
- BARROS, L.; BATALHA, L.; CARDOSO, G.; GONZALES, A. (2012): A olaria renascentista de Santo António da Charneca – Barreiro. A loiça doméstica, *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, Vol. 2, (Coleção Arqueoarte nº 1), Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade dos Açores, pp. 699-710.
- CALADO, M.; PIMENTA, J.; FERNANDES, L.; MARQUES, A. (2013): Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 16, Lisboa: Direcção Geral do Património Cultural, Secretaria da Cultura, pp. 383-392.
- CARITA, H. (1999): *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da Época Moderna (1495-1521)*, (Cidade de Lisboa), Lisboa: Livros Horizonte.
- CASIMIRO, T.; BOAVIDA, C.; SILVA, T. (2013): Silos Medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): estruturas e cultura material, *Arqueologia em Portugal 150 anos*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 937-941.
- COELHO, A. B. (2001): Lisboa nos primeiros séculos após a “Reconquista”, *Arqueologia Medieval*, 7, Porto: Edições Afrontamento, pp. 235-242.
- CONDE, S. (2011): A casa, in MATTOSO, J.; SOUSA, B. V. (dir.), *História da vida privada em Portugal. A Idade Média (Temas e Debates)*, Maia: Círculo de Leitores, pp. 54-57.

- GASPAR, A.; GOMES, A. (2012): A cerâmica moderna do Castelo de São Jorge. Produção local de cerâmica comum, pintada a branco, moldada e vidrada e de faiança, *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 2, (Coleção Arqueoarte n.º 1), Lisboa: Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade dos Açores, pp. 719-732.
- GOÍS, D. de (2001): *Descrição da Cidade de Lisboa*. Trad. do texto latino, int. e notas de José de Felicidade Alves, (Cidade de Lisboa 03), 2ª Edição, Lisboa: Livros Horizonte.
- GOMES, A.; SEQUEIRA, M. J. (2001): Continuidades e descontinuidades na Arquitectura Doméstica do Período Islâmico e após a conquista da cidade de Lisboa: escavações arqueológicas na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, *Arqueologia Medieval*, 7, Porto: Edições Afrontamento, pp. 103-110.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; GUERRA, S.; MENDES, H.; RIBEIRO, S.; PINTO, P.; VALONGO, A.; PIMENTA, J. (2005): Cerâmicas medievais de Lisboa – continuidades e rupturas. Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII), in *Actas dos Seminários realizados em Palmela, 14 a 15 de Fevereiro de 2003, Porto, 4 e 5 de Abril de 2003*, Palmela: Câmara Municipal de Palmela, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.221-236.
- GOMES, R. V. (2013): *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andaluz: a Alcáçova*, (Trabalhos de Arqueologia 35), Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GUADAGNIN, Rémy (2007): Fosses – Vallée de l'Ysieux, mille ans de production ceramique en le Ile de France, *Catalogue typo-chronologique des productions*, vol. 2, Paris: Université de Caen, Publications du Cram.
- HARRIS, E. C. (1991): *Principios da Estratigrafia Arqueológica*, Barcelona: Editorial Crítica.
- LIBERATO, M. A. A. (2011): *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval, uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*. Tese de Mestrado de Arqueologia, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História.
- MARQUES, A.; FERNANDES, L. (2006): Palácio dos Marqueses de Marialva. Intervenção arqueológica na Praça Luís de Camões (Lisboa 1999-2000), *Revista Património Estudos*, 9, Lisboa: IPPAR – Departamento de Estudos, Palácio Nacional de Ajuda, pp.195-206.
- OLIVEIRA, E. F. de (1887): *Elementos para a história do município de Lisboa*, Tomo III, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Typographia Universal.
- PAIXÃO, A. C.; FARIA, J. C.; CARVALHO, R. (2002): Aspectos da presença Almóada em Alcácer do Sal (Portugal), in FERNANDES, Isabel Cristina (coord.), *Simpósio Internacional sobre Castelos. Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*, Lisboa: Câmara Municipal de Palmela, Edições Colibri, pp.369-383.
- SILVA, A. V. da (1987): *As Muralhas da Ribeira de Lisboa*, vol. I, Lisboa: Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa.
- SILVA, C. G. da (2010): *Lisboa Medieval. A organização e a estruturação do espaço urbano*, 2ª Tiragem, Lisboa: Edições Colibri.
- TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B. da (coord.) *Lisboa 1415 Ceuta – História de duas cidades* (catálogo da exposição na Galeria de Exposições da CML). Lisboa, Ciudad Autonoma de Ceuta/CEC; Câmara Municipal de Lisboa/DMC/DPCA/VV (2012): *Tavira Islâmica (Catálogo de exposição Tavira Islâmica. Museu de Tavira, 2012)*, Lisboa: Município de Tavira.
- TORRES, C.; PALMA, M. P.; REGO, M.; MACIAS, S. (1991): Cerâmica islâmica de Mértola – propostas de cronologia e funcionalidade, *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental (Lisboa, 16-22 de Novembro 1987)*, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 497-536.

